



# Sinagoga Machzikai Hadas Parashat HaShavua



## T z a v



**Leitura: Chumash Vaikra (Livro de Levítico, Capítulos: 5 : 27 – 8 26**  
**Haftará: de acordo com o costume (Shabat HaGadol)**

Rua Joaquim Murtinho, 43 – Bom Retiro - SP/SP - Brasil / Compilado: Rav Victor Benjoya.  
Esta publicação possui palavras de Torá, trate-a com o devido respeito.

בס"ד Shabat em  
SP/SP



Velas: 2/4 – 17:45



Saída: 3/4 – 18:39

12 / Nissan / 5764  
Ano 4, Número 156



Está semana é véspera de Pessach e o Shabat recebe um nome especial: **Shabat HaGadol**. Temos a leitura da 2ª Parashá do Chumash Vaikra. Temos o costume de ler um trecho da Hagadá, de "Avadim Hainu" até "al kal avonoteinu" após Minchá. A procura do Chametz deve ser feita, com Brachá, no Domingo, ao cair da noite. E a queima deve ser feita na 2ª, até 10h30min; assim como a venda do Chametz! **Pessach Casher veSameach** ג.

## Resumo da Parashá

A Parashat HaShavua (porção da leitura da Tora desta semana) é chamada de "Tzav" – Ordene.

A Parashat Tzav começa com D'us continuando a ensinar Moshe muitas das várias leis relativas ao serviço no Mishkan, Santuário.

Entretanto, enquanto a Porção da semana passada descreveu os Korbanot, sacrifícios, da perspectiva do doador, nesta semana a Tora concentra-se mais diretamente nos Cohanim, fornecendo mais detalhes sobre seu serviço.

A Tora instrui a Aharon e seus filhos as leis adicionais de seu serviço.

As cinzas do Korban Olá - o oferecimento queimado no altar durante a noite - são removidas do altar e área pelo Cohen, após ele retirar sua roupa especial de linho. Aquele que esqueceu de cumprir um mandamento positivo, traz a Olá. O Cohen guarda a pele.

O fogo no altar deve ser mantido constantemente ardendo. O Korban Minchá é uma oferenda de refeição de farinha, óleo e especiarias. Parte é queimada no altar e o restante é comido pelo Cohen antes que fermente.

A Parashá descreve os Korbanot especiais oferecidos pelo Cohen Gadol diariamente; por Aharon, seus filhos e descendentes no dia de sua inauguração.

O Korban Chatat era trazido após uma transgressão acidental e é descrito; assim como as leis de degola e asperção de sangue no Korban Asham, por culpa.

Os detalhes dos Shelamim, diversos Korbanot de paz são abordados, incluindo a proibição contra não ingerir até a manhã as sobras do Todá, o Korban de agradecimento.

Todos os sacrifícios devem ser queimados quando não puderem mais ser comidos. Nenhum sacrifício deve ser ingerido se foi abatido com a intenção de ser comido tarde demais. Quando se tornaram ritualmente impuros, os Korbanot não podem ser comidos e devem ser queimados. Aquele que é ritualmente impuro não pode comer o Korban.

Sangue e chelev, gordura de animais proibidos, não podem ser comidos. Aharon e seus filhos recebem o peito e a perna de todo Korban Shelamim.

Finalmente, Moshe realiza os prolongados miluim, serviço de consagração do Mishkan, e Moshe unge e introduz Aharon e seus filhos para o serviço deles no Mishkan, em frente de toda a congregação de Israel.



# Mensagem de Pessach

## Heroísmo em Pessach

A história de Pessach é uma das mais conhecidas. Tem sido contada por mais de três mil anos. O que mais me fascina, entretanto, é um aspecto poucas vezes mencionado. Pergunte a qualquer pessoa, judeu ou não-judeu, quem é o herói humano do Êxodo, e a resposta certamente será: Moshe o libertador, profeta e lutador pela justiça.

Porém a Torá conta uma história mais complexa e inesperada. Juntamente com Moshe - tornando sua missão, até mesmo sua vida, possíveis - estão outras seis figuras, todas mulheres. Estranho como possa parecer, os heróis do êxodo são heroínas. E Quem foram elas?

A primeira foi Yocheved, esposa de Amram, e mãe das três pessoas que tornar-se-iam os grandes líderes dos israelitas, Miriam, Aharon e o próprio Moshe. Foi Yocheved que, no auge da perseguição egípcia, teve a coragem de ter um filho, escondê-lo por três meses, e então arquitetar um plano para dar-lhe uma chance de ser resgatado. Sabemos muito pouco sobre Yocheved. Em sua primeira aparição na Torá, não é nomeada. Mesmo assim, lendo a narrativa, não temos dúvidas sobre sua bravura e presença de espírito. Não foi por acaso que seus filhos tornaram-se todos líderes.

A segunda foi Miriam, filha de Yocheved e irmã de Moshe. Foi ela quem vigiou o bebê enquanto o cestinho flutuava rio abaixo, e quem se aproximou da filha do faraó com a sugestão de que ele fosse amamentado em meio a seu próprio povo. Uma vez mais o texto bíblico pinta um retrato da jovem Miriam como uma figura de invulgar coragem e presença de espírito. A tradição rabínica vai mais além. Em um notável *midrash*, lemos como a jovem Miriam enfrentou o pai, Amram, e persuadiu-o a mudar de idéia. Informado sobre o decreto dizendo que cada bebê judeu do sexo masculino seria afogado no rio, Amram conclamou os israelitas a divorciarem-se, para que não mais houvessem crianças. Havia uma certa lógica nisso. Seria certo trazer crianças ao mundo, se havia 50% de chance de que fossem assassinadas logo ao nascer?

Mesmo assim Miriam, diz a tradição, queixou-se a ele: "Seu decreto," disse ela, "é pior que o do faraó. O dele afeta apenas os meninos; o seu afeta a todos os bebês. O decreto dele priva as crianças da vida neste mundo; o seu os privará da vida até no mundo vindouro." Amram cedeu, e como resultado, nasceu Moshe. A implicação da história é clara - Miriam tinha mais fé que seu pai.

A terceira, e de certo modo a mais intrigante, é a filha do faraó, que a tradição chama de Batya. Foi ela quem teve a coragem de resgatar uma criança israelita e criá-la como sua, no próprio palácio onde seu pai tramava a destruição do povo judeu. Podemos imaginar uma filha de Hitler, Eichmann ou Stalin fazendo o mesmo? Existe algo ao mesmo tempo heróico e gracioso sobre esta figura apenas esboçada, a mulher que deu nome a Moshe.

A quarta faz sua aparição mais tarde na narrativa. Tzipora, a mulher de Moshe. Filha de um sacerdote midianita, mesmo assim está determinada a acompanhar Moshe em sua missão no Egito, apesar de não ter razão alguma para

colocar em risco sua vida em uma aventura tão delicada. Em uma passagem profundamente enigmática, é ela quem salva a vida de Moshe ao realizar a circuncisão em seu filho. Temos sobre ela a impressão de ser uma figura de tremenda determinação que, no momento crucial, entendeu melhor que o próprio Moshe à vontade de D'us.

Deixei para o final as figuras que aparecem primeiro, porque são elas que mais fizeram para alargar os horizontes morais da humanidade. Refiro-me às duas parteiras, Shifrá e Puá, que frustraram a primeira tentativa do faraó de cometer genocídio. Instruídas a matar as crianças israelitas na hora do nascimento, elas "temeram a D'us e não fizeram aquilo que o rei do Egito lhes ordenara fazer; deixaram os meninos viverem."

Intimidadas e acusadas de desobediência, enganaram o faraó inventando uma engenhosa história: as mulheres judias, disseram elas, são fortes, e deram à luz antes que chegássemos. Escaparam do castigo e salvaram vidas.

A importância desta história é que trata-se do primeiro exemplo que conheço de uma das maiores contribuições do Judaísmo à civilização; a idéia de que há limites morais para o poder. Existem instruções que não devem ser obedecidas. São crimes contra a humanidade, que não podem ser

desculpados sob a alegação de que "eu estava apenas cumprindo ordens."

Este conceito, geralmente conhecido como 'desobediência civil,' é comumente atribuído ao escritor americano do século XIX Henry David Thoreau, e penetrou na consciência internacional após o Holocausto e os Julgamentos de Nuremberg. Sua verdadeira origem, entretanto, remonta a milhares de anos antes, nas ações de duas mulheres, Shifrá e Puá. Com sua coragem não declarada, mereceram um incomparável tributo entre os heróis da vida moral. Elas nos ensinaram a primazia da consciência sobre o conformismo, da lei da justiça sobre a lei do país.

Neste Pessach, contemos a história das mulheres cuja fé, coragem e recursos morais tornaram possível o êxodo. "Foi por causa de mulheres justas," disseram os sábios, "que nossos ancestrais foram redimidos do Egito." Eis que sua memória ainda tem o poder de trazer-nos inspiração e não só a alegria da preparação do Seder de Pessach com sua deliciosa comida .



# Dizeres de Pessach



## Amor Mútuo

D'us sempre se orgulha das virtudes do povo judeu e o louva, e o povo, por sua vez, sempre louvou a grandeza de D'us.

Rabi Levi Yitschac de Berdishev dá um exemplo disto através da forma distinta como D'us e seu povo referem-se à festa de Pessach.

Enquanto os judeus escolheram o nome "Pessach", D'us a chama "a Festa do Pão Ázimo". Por que?

Enquanto Pessach significa "passar por cima", em agradecimento ao Criador por ter "passado" por cima das casas do povo judeu e ter poupado seus filhos da praga da morte aos primogênitos, a Torá, por outro lado, classifica como "A Festa do Pão Ázimo" para salientar a virtude do povo judeu que na saída do Egito, partiram sem levar provisões, apenas uma massa de pão que nem teve tempo de crescer ou assar, em um ato de total confiança e eterno amor ao Criador.

## As Dez Pragas

O grande sábio Rashi demonstrou que as pragas seguem a mesma estratégia que era criada pelos reis da antiguidade ao imporem o cerco ao inimigo.

Primeiro é cortado o suprimento de água da cidade sitiada, para obrigar os habitantes à submissão (correspondendo à praga do sangue). Então o exército é instruído a tocar instrumentos fazendo ruídos altos, assustadores, de forma a deixar os habitantes nervosos e abalar sua resolução de lutar (correspondendo ao coaxar dos sapos); e assim por diante, durante todas as dez pragas, culminando com a morte dos primogênitos egípcios e finalmente libertando os judeus da escravidão.

## Betzá - ovo duro

Uma das inúmeras idéias relacionadas com o ovo colocado como símbolo na travessa do Seder é de que, normalmente, um alimento quanto mais é cozido, mais macio se torna. No caso do ovo é o contrário; quanto mais se coze, mais duro se torna. Assim é o povo judeu: quanto mais é oprimido ou afligido, como ocorreu no Egito, mais fortalecido e numeroso se torna.

## Derramar vinho

Por que é costume derramar um pouco de vinho enquanto as Dez Pragas são mencionadas?

Para que todo judeu lembre-se de que em todo e qualquer momento em que celebra sua felicidade, seja neste caso, a vitória do bem sobre o mal, da escravidão para a liberdade, deve lamentar o sofrimento e a morte de seres humanos, mesmo sendo estes seus piores inimigos.

## Dez níveis

As três *matzot*, os seis símbolos e a própria travessa do Seder somam 10 elementos no total e representam as 10 *sefirot* (níveis cabalísticos), através das quais a luz Divina será revelada no mundo.

## Farinha e água

Ambos chametz e matzá são feitos de farinha e água. Entretanto, o chametz cresce, simbolizando uma atitude de egoísmo inflado e orgulho exagerado. Em contraste, a matzá permanece fina, aludindo à humildade e submissão. Comendo matzá, internalizamos estas qualidades, fazendo com que sejam partes integrantes de nossa carne e sangue.

## Liberdade no passado e presente

Em cada geração uma pessoa é obrigada a considerar-se como tendo realmente saído do Egito. Com o Êxodo, adquirimos a natureza e qualidades de homens livres. Esta natureza é mantida apenas porque D'us está constantemente nos libertando do Egito. O milagre da redenção não é um evento do passado, mas um fato constante em nossas vidas. Portanto, a redenção do Egito e a subsequente experiência da entrega da Torá estabelece a identidade do povo judeu como "servos de D'us", e não "servos de servos".

## Matzá

Com apenas este alimento não fermentado, nossos ancestrais confiaram que o Todo-Poderoso forneceria o sustento para toda uma nação de homens, mulheres e crianças. Assim, os únicos "ingredientes" para a fé são humildade e submissão a D'us. O Zôhar explica que a matzá ingerida no primeiro Seder desperta a fé, enquanto a do segundo traz a cura.

## O ausente

Os quatro filhos, embora diferentes no comportamento, têm algo em comum: eles todos participaram da mesa do Seder. Mesmo o filho perverso faz perguntas sobre Torá e mitzvot, e podemos esperar que retornará ao caminho.

Infelizmente, nos dias de hoje temos o quinto filho, que não está presente à mesa do Seder, e nem ao menos sabe o que é o Seder. É nossa obrigação procurar este quinto filho, convidá-lo à nossa mesa e usar esta oportunidade para reunir mais um a compartilhar de nossa maravilhosa herança.

## O poder da fé

Sobre o versículo: "Os judeus viram a grande mão de D'us no Egito e eles acreditaram em D'us", o rabino de Gur comenta que mesmo depois que viram D'us, precisavam ainda assim ter fé. A fé é mais forte que o ato de "ver"; se encontra em um nível muito mais elevado que a simples visão.

## Os quatro copos de vinho

O vinho é sinônimo de alegria e liberdade. Há várias explicações para as quatro taças. Entre elas, a de que simbolizam as quatro promessas de D'us de redenção descritas na Torá, com relação a libertação do povo judeu do Egito: "Eu os libertarei do trabalho no Egito; e Eu os libertarei da escravidão. Eu os redimirei com braço forte e estendido e Eu os guiarei para serem Meu povo."

Os filhos de Israel, mesmo no exílio egípcio, tinham quatro grandes méritos: não trocaram seus nomes hebraicos, falavam a língua hebraica, levaram uma vida altamente moral e permaneceram leais uns aos outros e a D'us.

## Os 4 Filhos

A Torá nos fala de quatro filhos: o sábio, o perverso, o tolo e aquele que não sabe perguntar. Há observações interessantes a serem feitas sobre eles. Uma delas é a razão pela qual o filho perverso não é mencionado por último, mas logo após o filho sábio. O motivo é que estando próximo ao filho sábio, passa a ser deste a responsabilidade de ensinar ao perverso a enxergar o bem, ao invés do mal.

A Torá coloca o tolo e aquele que não sabe perguntar por último, pois a ignorância é algo muito grave. Se eles tivessem perguntado, buscado, diferenciado entre o certo e o errado, teriam adquirido sabedoria. Mas por estarem completamente "desconectados", não possuem nada. Já o perverso possui um potencial muito maior, por estar por dentro do assunto e ter se tornado um conhecedor, embora mal intencionado. Mas ele entretanto possui o potencial de mudar. Que possa o filho sábio estar a seu lado para influenciá-lo na escolha do bem.

Mesmo o filho sábio, não deve se descuidar. Não deve achar que por causa de sua sabedoria, nada irá lhe abalar. É da sua natureza querer experimentar, inventar, conhecer. Em todos estes momentos deverá tomar muito cuidado: deverá ter em mente que o mal está sempre espreitando ao seu lado.

## Por que milagres não acontecem?

Um aluno aproximou-se do rabino Eliezer e perguntou:

"Por que a gente vê tantos milagres acontecerem na saída dos judeus do Egito, e hoje, nenhum?"

"Você se lembra quando os romenos conquistaram uma cidade vinte anos atrás? Na mesma hora saíram em uma grande marcha exibindo todos seus homens e armas, em um desfile pelas ruas, orgulhosos. Por que após esta data nunca mais fizeram esta exibição? Porque quando alguém conquista um país deseja mostrar quem é que manda. Já que sabemos, de antemão, quem manda no mundo, e que já foi afirmado por D'us através de grandes milagres, então basta; já sabemos!"

## Por que reclinar-se?

Nos tempos antigos, apenas às pessoas livres era permitido reclinar-se enquanto comiam.

Uma vez que Pessach é a Festa da Libertação, sentamos todos reclinados.

## Punição

O Rambam explica que, embora os egípcios estivessem apenas cumprindo a Vontade Divina a fim de que os judeus tivessem que suportar exílio e servidão, mesmo assim, a razão pela qual foram punidos é que cada indivíduo egípcio foi culpado de sua opressão pessoal aos judeus.

Embora D'us tenha indicado que a escravização e perseguição dos judeus ocorreria por parte de uma "nação", este conhecimento prévio não obrigou nenhum egípcio em particular a cumprir estes atos. Cada egípcio participou na subjugação dos judeus por sua própria vontade. Se tivesse escolhido, poderia ter deixado de juntar-se às massas, pois D'us meramente declarou que o povo como um todo seria escravizado.

## Seder: um princípio pedagógico

O Seder, além de seu valor intrínseco, destaca claramente o elemento básico da tradição: o papel do pai como professor dos filhos.

O Talmud descreve que a razão pela qual fazemos tantas coisas e de forma específica durante o Seder é para estimular as perguntas dos filhos para darmos as respostas.

O princípio pedagógico afirma que a melhor compreensão e lembrança de algo ocorre quando envolve o interesse e curiosidade do aluno. Ao estimular o interesse das crianças durante o Seder podemos esperar que as lições da noite sejam duradouras e marcantes. Como disse um grande mestre: "É melhor que façam as perguntas ainda em casa, para que pais e professores respondem, do que esperar que pessoas lá fora o façam. Quando isto ocorre é tarde demais para tentar responder."

## "Tudo certo"

Pouco após sua mudança e se encontrar instalado na Terra de Israel, o Rabino Chaim Meir de Vijnits falou a seus discípulos: "Há algo que aprecio muito neste país. As pessoas sempre dizem: '*Hacol b'séder*', está tudo certo!"

Eles não imaginam como estão certos! *Hacol*, (tudo) depende do que aconteceu durante o *Seder* (de Pessach)."

**S H A B A T**

**S H A L O M**

**C H A G**

**S A M E A C H**

# De Pai para Filho - Reflexão

## Uma Escravidão Chamada Liberdade

Entrelaçado na magnífica tapeçaria de símbolos, costumes e cerimônias do Seder de Pessach está o insuperável tema da liberdade.

Embora a liberdade possa ser expressa em cerimônias simples como reclinar à maneira dos homens livres, bebendo quatro taças de vinho e repetindo o mantra "*nós somos homens livres*", o profundo conceito de liberdade realmente envolve e permeia nossa essência.

A liberdade é percebida com mais frequência como a ausência de escravidão – assim como a escravidão pode ser definida como a ausência de liberdade. Mas na realidade, a ausência de escravidão em si não cria uma condição de liberdade.

A escravidão é uma condição na qual a pessoa é para sempre forçada a agir de acordo com a vontade de outro. Liberdade é a capacidade do ser humano de agir e expressar-se.

Para que o homem possa agir independentemente, deve querer expressar sua singularidade. Aquele que não possui o desejo da auto-expressão e realização independente – seja porque seu espírito foi alquebrado ou jamais se desenvolveu – não pode ser considerado um homem livre. Ele não é livre, apesar de não estar mais sendo fisicamente escravizado; é meramente um escravo abandonado – um escravo sem amo.

O milagre do Êxodo não foi completado com o Êxodo em si. O povo judeu precisava ser de homens livres, não meramente escravos fugitivos.

Avraham Ibn Ezra descreve assim a situação: "Nas praias do Mar Vermelho, os judeus quiseram genuinamente escapar do fardo da escravidão; porém, tendo passado a vida toda como escravos, não podiam simplesmente jogar fora a afinidade que tinham desenvolvido em relação a seus feitores. Somente depois que a geração nascida no cativeiro tinha falecido, o povo judeu pôde entrar na Terra de Israel e construir uma nação de homens livres."

Um escravo carrega um duplo fardo – é forçado a obedecer ao amo e não tem vontade própria. Assim, uma pessoa que esteja ciente de sua singularidade e individualidade jamais pode ser escravizada. E no outro extremo, quem não possui uma auto-imagem positiva jamais pode considerar-se realmente livre.

Os mesmos princípios que escravizam um indivíduo podem se ampliar a uma nação inteira, no nosso atual galut, ou exílio. A verdadeira redenção envolve mais que sair do exílio. Está implícito no estado de exílio a destruição e subjugação da vontade de um povo e sua concessão coletiva aos ditames de um país estrangeiro.

Um grupo de pessoas que deixa sua terra de livre e espontânea vontade, que determina seu estilo de vida segundo seus próprios valores, não pode ser considerado como vivendo no exílio. Estão apenas vivendo numa terra estrangeira. Desde que estejam em liberdade para expressarem sua essência, não são realmente exilados. O exílio é escravidão somente

quando inibe e abafa a auto-expressão e a autodeterminação.

Como a escravidão, o exílio é até certo ponto uma condição física, mas sua qualidade essencial é a do espírito. É rendição e abdicção – aceitar um conjunto de valores, atitudes e costumes que são contrários ao "eu" privado ou coletivo.

O judeu perseguido tem estado no exílio por incontáveis gerações, durante as quais precisou mudar sua maneira de viver. Uma nação que era basicamente agrícola tornou-se um país de mercadores; um povo independente foi reduzido à escravidão e curvou-se a um governo estrangeiro, jogado para lá e para cá. Mas com tudo isso – desde que o povo judeu mantivesse seu legado e seus princípios espirituais, seu modo interior de vida e comportamento – ele não foi um povo escravizado.

O judeu em todos esses anos de exílio e perambulação tinha de viver em paz com sua incapacidade de dirigir seu próprio destino em muitas áreas da vida. Porém seu exílio jamais foi completo, porque o judeu não se considera desprezado ou inferior. Assim, desde que retivesse o âmago de seu ser interior, sua conexão com D'us não somente o consolou, mas também serviu como seu país nativo, uma entidade que o exílio não poderia danificar ou diminuir.

O exílio completo, tanto espiritual quanto físico, começou com a assimilação. Sempre que o judeu assimilado perde seu excepcional senso de si mesmo, perde sua independência. Mesmo que tenha liberdade pessoal, seu exílio nacional é completo. Seu verdadeiro eu não dirige mais seu estilo de vida. A vida do judeu assimilado é estabelecida e determinada por influências alienígenas, tanto na vida espiritual quanto na física.

Mesmo quando o judeu assimilado mora num país onde os estrangeiros não mais ditam de que maneira ele deve se conduzir, vive num estado de exílio. Leva consigo a condição de exílio em seu sentido mais profundo. Está privado de seu verdadeiro eu, o eu que o conduz à liberdade. Culturas alienígenas talvez não o escravizem fisicamente, mas continuam a governá-lo espiritualmente e a roubá-lo de seu legado. Um famoso ditado chassídico declara: "É mais fácil tirar o judeu do exílio que tirar o 'exílio' do judeu."



# Elementos do Seder

## Hagadá

Nas duas primeiras noites de *Pessach* reunimos a família e amigos em torno da mesa e esperamos a recitação do *kidush* pelo condutor do Seder para iniciarmos a *Hagadá*.

É importante que cada convidado tenha sua própria *Hagadá*, ou sente-se ao lado de alguém que a tenha, para que possa acompanhar, passo a passo, o que deverá ser feito na língua que é comum a todos. A *Hagadá* narra o êxodo do Egito e os milagres que D'us nos fez até que nos tornássemos um Povo. Eis uma amostra abaixo:

1. Cadêsh



6. Rochtsá



12. Tsafun



2. Urcháts



7, 8. Motsi - Matzá



13. Berach



3. Carpás



9. Maror



14. Halel



4. Yáchats



10. Corêch



15. Nirtsá



5. Maguid



11. Shulchan Orêch



## Keará

### 1. BETSÁ (Ovo cozido)

Representa o sacrifício de *Chaguigá* trazido ao Templo Sagrado em Pessach).

### 2. ZERÔA

O pescoço de frango grelhado simboliza o cordeiro pascal trazido ao Templo Sagrado na véspera de Pessach. A carne do pescoço é removida e o osso queimado. O *zerôa* não é comido no decorrer do Seder. *Zerôa* (literalmente, antebraço) remete ao fato de D'us haver tirado o povo do Egito com "Seu braço estendido".

### 3. MAROR (ERVAS AMARGAS)

Simbolizam a amarga escravidão do povo judeu no Egito. Para o maror pode-se usar raiz-forte crua descascada e ralada; folhas de endívia; talos ou folhas de alface romana lavados e verificados; ou a combinação de todos.

### 4. CARPÁS

A cebola crua (ou a batata cozida) é mergulhada na água salgada para despertar a curiosidade das crianças.

Os vegetais simbolizam o potencial de crescimento e renascimento e a água salgada, nas quais são mergulhados, recorda as lágrimas derramadas pelos nossos antepassados no Egito.

A palavra hebraica "carpás", quando lida de trás para frente, simboliza os 600 mil judeus no Egito forçados a realizar trabalhos pesados (cada letra do alfabeto hebraico possui um valor numérico correspondente; a letra hebraica "sámech" é igual a 60, multiplicado por 10 mil; as outras três letras correspondem a *pêrech* - trabalho pesado).

### 5. CHAROSSET

Maças, pêras e nozes liquidificadas ou raladas, misturadas com uma pequena quantidade de vinho tinto, lembram, na cor e consistência, a argamassa usada no Egito para fabricar tijolos.

### 6. CHAZERET

Mais ervas amargas (das enumeradas para o maror) para serem ingeridas no "sanduíche" (*Corêch* do Seder).

